

C. Povo 22.5.83  
M612 RN 297

# Antigamente a Escola...

RUBEM BRAGA

*De um discurso de paraninfo dos licenciandos da Faculdade de Filosofia da Universidade do Espírito Santo.*

"Era a primeira vez que eu viajava sozinho em minha vida. Tinha, se bem me lembro, 13 anos, e fora reprovado em álgebra pela banca federal no exame do Colégio Pedro Palácios, lá em Cachoeiro. Essa reprovção foi melhor do que um prêmio: ganhei a obrigação de vir a Vitória fazer exame de segunda época. Ir a Vitória, conhecer Vitória, que maravilha!

Na mala pobre de estudante, além de poucas mudas de roupa, eu trazia um peso considerável: uma tábua de logaritmos. Era um peso material e também um peso na consciência: jamais consegui saber o que fazer com aquele estranho dicionário de números, nem para que servia. E até hoje não sei. Não me lembro mais que ponto caiu no exame, nem o nome dos colegas de segunda época que espontaneamente me animaram e ajudaram, nem o do generoso professor de Vitória que houve por bem me aprovar. Mas ainda hoje lhe agradeço a luminosa injustiça. Menino de Cachoeiro, fui bem tratado nesta cidade em que não conhecia ninguém. A vossa ilha, aprendi então, não é apenas linda e ilustre: é também generosa. E é graças a essa generosidade que me vejo aqui de novo, 37 anos depois, já sem tábua de logaritmos, graças a Deus, mas com um peso mais grave na consciência.

E o peso de uma dúvida. Que hei-de eu dizer a vós, jovens mestres? Que coisas devo vos dizer e sobretudo que coisas tenho o direito de vos dizer, como homem de 50 anos, neste Brasil de hoje? No meio dessas aflições e confusões da vida nacional, ah!, como seria bom se eu pudesse vos trazer uma mensagem bem clara, bem firme, se eu pudesse vos dizer: o rumo é este; não importa a força da corrente ou a direção do vento, o rumo é este. Mas em verdade eu não sei qual é o rumo. É lamentável, mas a culpa é vossa. Escolhestes paraninfo um homem sem partido, sem religião nem profissão de fé, um desses franco-atiradores fora de moda a que os da direita chamam com suspeita de literato anarcóide e os da esquerda chamam, com desprezo, de individualista pequeno-burguês; uns e outros, provavelmente, com razão: o que vos trago não é, portanto, orientação. Nem conselhos.

Diante de vós meu sentimento será antes de inveja e de humildade. Inveja sobretudo de vossos futuros alunos que não terão, como eu tive, mestres improvisados — alguns deles homens de cultura, outros apenas pessoas de boa-vontade — mas nenhum metódicamente preparado para a delicada função de instruir e educar a juventude.

Venho de um tempo em que o professor secundário era, como o jornalista, uma espécie de soldado da Legião Estrangeira. Quando o ensino não representava para ele apenas um bico — um bico pouco rendoso —, era a profissão dos que não tinham outra profissão ou haviam desistido de alguma outra. O ex-seminarista ensinava latim, o antigo aluno da Escola Militar era professor de matemática, o médico sem clientes dava aulas de história natural, o advogado sem causas lecionava português ou história, e assim por diante.

Com boa-vontade era possível aprender a ler em francês ou inglês, mas escrever ou falar a língua viva era mais difícil, pois o mestre geralmente também não sabia.

O programa do curso secundário era tão terrivelmente sobrecarregado de matérias que só um gênio adolescente poderia aprendê-las todas. Para um programa tão excessivo e tão ambicioso, até que era vantagem ter professores mal preparados; eles em geral tinham a virtude de não serem muito exigentes. A prova é que eu fiz meu curso".

BN 19.12.67

411